



ADVÉRBIO

Revista Científica dos Cursos de Comunicação do Centro Universitário FAG

Vol.16 - N. 31 | 2021 | ISSN 1808-883X

INCÊNDIOS NA AMAZÔNIA: O BRASIL SOB A ÓTICA DO JORNALISMO INTERNACIONAL

Pedro Henrique do Prado
Tatiana Fasolo Bilhar

INCÊNDIOS NA AMAZÔNIA: O BRASIL SOB A ÓTICA DO JORNALISMO INTERNACIONAL

Pedro Henrique do Prado¹
Tatiana Fasolo Bilhar²

RESUMO: Durante os incêndios na floresta amazônica, em agosto de 2019, a imprensa internacional, que já se organizava para realizar a cobertura da 45ª reunião do G7, dividiu o espaço de sua programação para noticiar ambos os eventos. A junção dos temas não se limitou apenas à imprensa: a pauta ambiental ganhou força política quando se tornou estandarte de países como França e Alemanha em oposição à gestão de crises do governo brasileiro. Neste artigo, estudamos o contexto desse embate, analisando, pautados na compreensão dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin, reportagens de três jornais nativos de países membros do G7: The New York Times – dos EUA; Le Monde, da França; e Nihon Keizai Shimbun, do Japão. Realizamos, assim, uma pesquisa qualitativa e interpretativista que teve como objetivo identificar que discursos os jornais veicularam sobre os incêndios e, a partir disso, a imagem que construíram do Brasil durante o período. Ao final, concluímos que as três reportagens dialogam com discursos distintos, apontando para imagens também diferentes de nosso país e seu governo. Na França, o Brasil foi retratado como autoritário e relutante no combate aos incêndios; na mídia do Japão, o governo brasileiro é visto como desinteressado e totalmente focado no desenvolvimento econômico; nos Estados Unidos, a imagem brasileira é tratada de forma menos agressiva, justificando o desmatamento e questionando a agressividade da Europa.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo; Jornalismo internacional; Incêndios na Amazônia; Cúpula do G7.

1 INTRODUÇÃO

Ultrapassar fronteiras políticas e geográficas para noticiar eventos, acontecimentos e situações de incontestável interesse público é dever do jornalista em qualquer parte do mundo. A informação, além de necessária às tomadas de decisão, é

¹ Jornalista formado pelo Centro Universitário FAG. E-mail: phenriquedoprado@gmail.com.

² Professora orientadora da pesquisa, doutoranda em Letras, área de concentração em linguagem e sociedade, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. Bolsista Capes. E-mail: tatianabilhar@gmail.com.

um direito público, legitimamente republicano, diretamente referendado pela Constituição de 1988, em seu artigo 5^o³.

Em 2019, diante de incêndios detectados ao longo de áreas recém-desmatadas em solo amazônico brasileiro, conforme afirmam Alvez e Modesto Júnior (2020), olhares internacionais, ansiosos com o início iminente das reuniões anuais dos sete países mais industrializados do mundo, o G7, passaram a se voltar ao país possuidor da maior parcela territorial da floresta amazônica, o Brasil.

Jornais de diversos cantos do mundo, ao longo de semanas, cobriram os eventos com enviados especiais que reproduziram suas visões em forma de reportagens, lidas por dezenas de milhares de pessoas.

Ainda assim, visões sobre um mesmo acontecimento podem ser interpretadas e postas no papel de formas distintas umas das outras, de acordo com o que o remetente crê se tratar do mais próximo ao verídico, levando em consideração sua pesquisa e ética profissional.

As convicções, embora teoricamente afastadas do jornalista, podem ser encontradas e subentendidas realizando análises dialógicas, ou seja, com o discurso como objeto principal. Tais análises enfatizam que visões atentas e rigorosas são capazes de compreender outras informações senão aquelas ditas explicitamente linha após linha. “Em outras palavras, a língua materializa valores e posições axiológicas dos sujeitos, pois o signo faz parte da existência material enquanto fenômeno do mundo exterior, da realidade concreta e objetiva” (RUIZ, 2017, p. 46), já que “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 32 *apud* RUIZ, 2017, p. 46).

Ao comparar matérias jornalísticas veiculadas em distintos países, por diferentes veículos de comunicação, com o tema principal voltado ao Brasil e, principalmente, aos desdobramentos que o envolveram durante os incêndios florestais e as reuniões do G7, é possível observar discursos também distintos.

³ Art. 5 inciso XIV - é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional.

Diante dessa diferença, deve-se lembrar que, além de o sujeito social possuir visões e interações próprias com a linguagem, o que por si só seria o suficiente para produzir materiais diferentes uns dos outros, podemos também pontuar que os valores de cada corporação atuante na área jornalística influenciam o resultado final.

Assim, buscamos analisar os discursos veiculados pela imprensa internacional sobre os incêndios na Amazônia, próximos ao período de realização da 45ª Cúpula do G7, em reportagens de três veículos distintos: New York Times, Le Monde e Nihon Keizai Shimbun.

Ao realizar o recorte dos textos escolhidos para as análises, foram levados em consideração os seguintes itens: países membros do G7, número total de leitores dos jornais e impacto regional que tais conteúdos poderiam gerar. O objetivo, diante de seleções focadas unicamente em cenários internacionais, é o de realizar um estudo sobre as visões individuais de cada reportagem dos jornais The New York Times, dos EUA; Le Monde, da França; e Nihon Keizai Shimbun, do Japão, a fim de analisar, a partir dos discursos materializados nos textos, qual construção de imagem foi realizada sobre o Brasil durante os incêndios florestais na Amazônia.

Nossas análises são pautadas na compreensão dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin e buscam propiciar o entendimento das conjunturas e dos desdobramentos atuais e futuros da política externa brasileira, bem como seus tratados, suas relações diplomáticas ou seus acordos comerciais, evidenciando, assim, o poder discursivo e de construção de imagens do jornalismo em curto e médio prazo.

2 O MÉTODO DE ESCOLHA DAS REPORTAGENS

O impacto da mídia sobre figuras recorrentes no cenário global, como países, pode ser evidenciado pelo simples fato de, cada leitor deste artigo, possuir, mesmo que de maneira superficial, algo a dizer a respeito de uma nação que não esteja constantemente nos holofotes internacionais. É possível citar, a exemplo de conhecimento provocado pela mídia, a Nova Zelândia, que embora raramente fosse pauta para o jornalismo, durante o epicentro da pandemia do novo coronavírus em 2020, tornou-se famosa por controlar de forma sistêmica o número de contágios

através de rigorosas medidas do parlamento e, por consequência, sua primeira-ministra virou celebridade em um mundo em que decisões velozes são capazes de preservar vidas (G1 MUNDO).

O processo de escolha das reportagens deu-se através de critérios que partem do princípio de que ao ler matérias que falem sobre o Brasil, os indivíduos levarão tal imagem adiante, tendo em mente aquilo que é destacado no texto. De tal forma, quanto maior o veículo maior seu alcance, portanto um maior número de nativos poderão pensar de forma semelhante.

O segundo ponto diz respeito à escolha das nações selecionadas. Foram escolhidas entre mais de uma centena, somente 3 daquelas que fazem parte do G7, visto que trata-se de um dos focos deste artigo. Foram escolhidos Estados Unidos, por sua notável influência mundial, principalmente nas américas, a França, por estar integralmente presente nos conflitos diplomáticos, dos quais veremos mais à frente, e Japão, por estar afastado do eixo ocidental, portanto uma análise afastada dos centros políticos e, ainda assim com grande relevância regional.

A partir destes critérios, foram escolhidos os maiores jornais de cada país e, por consequência, matérias em que equilibrassem a temática dos incêndios na Amazônia, com os conflitos desdobrados através do G7. Os jornais escolhidos entre os maiores de suas terras natais foram The New York Times com mais de 5 milhões de assinantes, Le Monde com mais de 2 milhões de assinantes e Nihon Keizai Shimbun como aproximadamente 3 milhões de assinantes.

Todos, para se enquadrar nos quesitos, são nativos dos respectivos países, bem como se enquadram nos maiores veículos capazes de influenciar um grande número de leitores, e realizaram a cobertura dos incêndios juntamente com as crises diplomáticas resultantes do embate envolvendo o G7.

3 O CÍRCULO DE BAKHTIN

A década final da Rússia czarista foi marcada pelo regresso de diversos intelectuais exilados. Pensamentos sociológicos e filosóficos derivados de autores do Centro e Oeste europeu passaram a ser levados como pautas às discussões do

momento. O clima efervescente que mudou o rumo do Império contava com várias frentes, e os estudiosos faziam parte de uma delas.

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin construiu sua base teórica ao longo dos anos de 1910, formando-se em História e Filosofia, tendo carregado o título de filósofo até o fim da vida. Como grande parte da academia, Bakhtin esteve ao lado dos ideais da Revolução Russa, desenvolvendo-se como professor com o passar dos anos e reunindo-se com demais estudiosos que viriam a se tornar amigos em círculos de debates variados – compondo escritos que hoje são atribuídos ao “Círculo de Bakhtin” – entre os estudiosos que aperfeiçoaram os debates do círculo podemos destacar Valentin Voloshinov, linguista, Pável Medvédev, professor, Konstantin Vaginov, escritor e Maria Yúdina, pianista.

Entre os escritos do Círculo, destaca-se a concepção dialógica de linguagem. Bakhtin converteu suas experiências de vida em análises críticas e profundas sobre a linguística e a forma de moldar a realidade e o entendimento sobre ela por meio da linguagem, manifestada no processo de interação com o outro. É sobre esse conceito que tratamos a seguir.

3.1 O DIALOGISMO

Fiorin (2011), ao estudar a obra de Mikhail Bakhtin, elucida que o dialogismo é a engrenagem que movimenta a linguagem por trás da materialidade linguística. É a partir dele que duas visões concordantes ou discordantes sobre algo se unem, produzindo sentido. E é a partir dele que se constitui o que Bakhtin nomeia de enunciado.

De acordo com Bakhtin (2011[1979]), tudo que produzimos em termos de linguagem configura um enunciado. E, para o autor, o conceito de enunciado não diz respeito somente à figura de um texto escrito, como normalmente se imagina, mas sim de todo o significado que um texto – sendo ele não somente escrito – poderia carregar. Para tal, Volochinov e Bakhtin (1926) consideram que a compreensão de um enunciado depende não só de sua face verbal, ou percebida, mas também de sua face extraverbal, ou presumida, que inclui o contexto de produção do enunciado. Assim,

para analisar um texto e apreender-lhe os sentidos, teríamos que observar, conforme os autores do Círculo, além da materialidade linguística em si, três aspectos que o compõem: 1) o tempo e o local em que o enunciado é produzido; 2) o tema sobre o qual ele versa; 3) o posicionamento valorativo que ele expressa sobre o tema.

Para Bakhtin, todo enunciado possui em comum a potencialidade de comunicar, por meio de signos, uma valoração. Isso porque os signos são ideológicos, já que ele “[...] não existe apenas como parte de uma realidade; ele reflete e refrata outra” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 32), impregnando-a de avaliações. Os enunciados, dessa forma, seja pela fala, por gestos, rabiscos em papel, linguagem verbal ou mesmo na escolha pelo silêncio, estão repletos de intenções, diretamente relacionadas ao seu contexto de produção, e veiculam discursos.

É sobre esses discursos, sobre essas relações de sentido construídas entre enunciados, que o dialogismo se constitui. Fiorin (2011) aponta três conceitos para compreender o dialogismo bakhtiniano.

O primeiro conceito, seguindo a ideia de Fiorin (2011), diz respeito ao fato de que, para Bakhtin, todos os enunciados se constituem a partir de outros, mesmo que as diferentes vozes sociais não estejam marcadas no fio do discurso. Assim, tudo que enunciamos sobre qualquer tema retoma ideias e discursos já construídos socialmente sobre esse mesmo tema, seja para concordar ou discordar deles. Os enunciados, desse modo, são como uma resposta a outros enunciados anteriores. E, no futuro, vão motivar o surgimento de novos enunciados, que estarão, de certa forma, respondendo a eles. Logo, todos os enunciados estão, em relação uns aos outros, numa espécie de diálogo sem fim. Daí a ideia de que a linguagem, que, quando em uso numa situação de interação, sempre veicula discursos, é essencialmente dialógica, pois estabelece relações de sentido com outros discursos e enunciados que circulam na sociedade.

Ruiz (2017) exemplifica a relação entre enunciado e dialogismo ao afirmar que os enunciados só nascem por partir de um conjunto de sentidos que, por sua vez, são resultantes das relações dialógicas que constituem a linguagem. Todo enunciado, assim, é dialógico.

O enunciado expressa uma visão de mundo do sujeito por meio da linguagem e, numa situação interativa, ainda que os interlocutores estejam distantes temporal e

especialmente, resulta numa reação de outra pessoa. Essa reação configura uma resposta, por meio da qual o outro imprime seus valores ao que anteriormente havia sido dito, construindo um novo enunciado a partir de discursos já existentes.

A linguagem como processo prático, segundo Fiorin (2011), possui, portanto, essência dialógica. Sobre isso, ele explica que Bakhtin compreende toda forma de diálogo como uma comunicação prévia entre outros significados e sentidos já construídos. Ao comunicar um ideal político, por exemplo, é levado em consideração que, por mais inovador que seu conceito seja, ele sempre será fruto do que já havia na sociedade da época, pois é impossível fugir das relações que circulam e constituem o sujeito. Portanto, sua nova tese será uma resposta direta ou indireta à realidade, seu objetivo de mudá-la ou melhorá-la, o que não apaga o diálogo entre as diversas ideias que existiram e o sujeito que criou uma nova ao panteão dos conceitos.

Desse modo, para compreender aquilo que é representado, por meio de signos ideológicos – linguísticos ou visuais – num enunciado, precisamos compreender o diálogo estabelecido entre esse e os demais discursos já proferidos sobre o tema.

O primeiro conceito de dialogismo diz respeito, pois, ao modo de funcionamento real da linguagem: todos os enunciados constituem-se a partir de outros (FIORIN, 2011).

O segundo conceito trata de como o dialogismo pode atuar na forma composicional do enunciado, incorporando-se, de forma marcada ou não, na voz do enunciador. De acordo com Fiorin (2011, p. 30):

Há duas maneiras de inserir o discurso do outro no enunciado:
a) uma, em que o discurso alheio é abertamente citado e nitidamente separado do discurso citante, é o que Bakhtin chama discurso objetivado;
b) outra, em que o discurso é bivocal, internamente dialogizado, em que não há separação muito nítida do enunciado citante e do citado.

Quando duas pessoas conversam, elas exprimem suas visões por meio de fatos trazidos por outros que quase nunca fazem parte, de forma física, dessa conversa. Ao revoltar-se com uma notícia, por exemplo, quem a conta está citando a fala de uma terceira pessoa que a contou e, por consequência, de uma quarta que a investigou e escreveu, que só pôde escrever após ouvir de um quinto sujeito.

Portanto, todo diálogo se constrói, de forma falada, escrita ou mesmo não dita, crescentemente em diversas esferas. Durante a exposição de ideias, quando os interlocutores não se dão conta de que estão citando ideais de outros, compõem discurso bivocal, em que não se consegue separar de forma nítida o que foi parafraseado de um terceiro ou o que é fruto de sua própria compreensão e reformulação semântica. Em oposição, há a narrativa em que o discurso do outro é marcado, com uso de citações pontuais, o que Bakhtin compreende como discurso objetivado.

Assim, por se tratar da possibilidade de diálogo entre qualquer conceito, Fiorin (2011) afirma que todo enunciado acaba sendo dialógico, ou seja, tudo que comunica dialoga, mesmo sem o conhecimento do remetente, com diversas outras ideias. Isso é o que ele elenca, através do estudo dos escritos de Bakhtin e do Círculo, como segundo conceito do dialogismo.

Já o terceiro conceito, para Fiorin (2011), aponta para o sujeito, que é constitutivamente dialógico. Segundo Bakhtin, o sujeito sempre agirá em relação a outro, sua individualidade, apesar de única, é pautada em vivências sociais, que ultrapassam sua expectativa de vida, sendo muitas vezes entendido como a moral, o aglomerado de normas de uma localidade, suas tradições e manias. Fiorin (2011, p. 47) avalia:

O sujeito vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si.

A maneira de pensar, de criar conjunturas e decisões pode parecer ser arquitetada individualmente pelo sujeito pensante, mas na realidade é produto da coexistência deste indivíduo em relação ao mundo exterior. Ainda assim, será no sujeito que este aglomerado de ideais entrará em divergência umas com as outras. O resultado deste embate subconsciente que equilibra diversas formas de compreensão do mundo formarão uma nova forma de entendê-lo, o conjunto formará algo heterogêneo e único ao sujeito.

A concepção do Círculo de Bakhtin, desse modo, é de que nós, sujeitos sociais, somos formados em relações dialógicas, uma vez que nos constituímos a partir dos diferentes discursos e vozes com que travamos contato. Da mesma forma, a linguagem, por meio da qual agimos e interagimos no mundo, é essencialmente dialógica; portanto, nossos enunciados também o são.

Assim, para compreender um enunciado, é necessário olhar para essas relações de sentido estabelecidas com outros discursos e, para identificá-las, é preciso observar todo o contexto extraverbal⁴ da enunciação, uma vez que ele determina o próprio enunciado. É preciso considerar quem e para quem se enuncia, sobre qual tema, em qual momento histórico e com quais possíveis intenções, para, de fato, observar com mais clareza o posicionamento expresso no enunciado, uma vez que todo e qualquer ato de compreensão textual resulta num juízo de valor.

Em seu artigo, Ruiz (2017, p. 8) diz que o Círculo de Bakhtin postula: “os sujeitos, ao se enunciarem, não tomam as formas prontas da língua de um sistema sógnico abstraído das relações sociais”, sendo compreendido como mais um ponto de interferência dos valores vigentes na sociedade de uma determinada época e de um local sobre os fatos descritos e abertos ao grande público no enunciado. Nasce daí a compreensão de que não há enunciado neutro. Todos apresentam uma carga ideológica, construída e expressa dialogicamente.

Entre as demais formas de compreensão de um texto, a bakhtiniana destaca o papel do contexto extraverbal, no qual se inserem as relações dialógicas. Assim, justamente por ser vista como um diálogo entre ideias, contextos e conjunturas, a análise dialógica se expande por uma amplitude narrativa para buscar compreender os motivos que levaram o enunciador a elaborar discursos sobre determinados assuntos – com base no contexto social, cultural, econômico, político e histórico e na situação de interação que motivou a enunciação – e para identificar com quais outros discursos sociais o texto dialoga, de modo a construir seus sentidos. Portanto, deve ser claro que “Ao eleger a análise de base dialógica, o pesquisador participa da criação do

⁴ Entende-se por extraverbal o que o Círculo de Bakhtin cita como acontecimentos que orbitam o enunciado analisado. Deve-se compreender o tempo e o local do qual o indivíduo fala, o tema propriamente dito e a relação do indivíduo com este tema.

objeto de forma dialógica e sua análise parte tanto de um ponto de vista interno quanto externo” (RUIZ, 2017, p. 17).

Dessa forma, considerando que nos propomos a fazer uma análise discursiva dialógica de três reportagens, antes de discutir o conteúdo dos enunciados, apresentamos, na seção seguinte, a contextualização do momento histórico em que elas foram produzidas.

4 O MUNDO PRÉ CÚPULA DO G7 EM 2019

O poder da mídia de pautar tem a capacidade de amplificar discursos pré-estabelecidos, mas também de dar visibilidade a dezenas de novos outros. Esse jogo de palavras e assuntos unidos a um projeto de Estado pode consolidar ou ampliar o conceito de *soft power*, ou seja, o poder de convencimento que uma nação utiliza para ampliar o debate sobre temas possivelmente vantajosos para si. Cox (2011, p. 35) pontua: “A mídia noticiosa atua não apenas como voz nas suas coberturas de temas e acontecimentos, mas também como condutora de outras vozes que buscam influenciar as atitudes do público. [...] É também uma força constitutiva por meio do seu papel de agendamento”.

Em 24 de janeiro de 2019, no primeiro ano de atuação após sua eleição, Jair Bolsonaro preparava-se para apresentar seu governo sob holofotes internacionais no Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça. Durante a conferência, o presidente usou oito minutos para explicar suas pretensões acerca do meio ambiente brasileiro. Em reportagem, o jornal Deutsche Welle⁵ explica que o capital estrangeiro vê a eleição de Bolsonaro como uma oficialização da promessa de mais espaço ao agronegócio, o que o levou a amenizar rumores negativos sobre a preservação das matas brasileiras.

Em seu discurso no Fórum Econômico, Bolsonaro enfatizou que o Brasil é o país que “mais preserva o meio ambiente” (DEUTSCHE WELLE, 2019). Um dia após essa fala, uma barragem contendo rejeitos de minério pertencente à empresa Vale se rompeu

⁵ A Deutsche Welle, ou somente DW, é uma emissora alemã com cobertura em mais de 30 países, com foco na produção de pautas internacionais.

em Minas Gerais, inundando e destruindo a localidade do Vale do Feijão. Segundo a apuração do portal de notícias da Globo, G1, somente no primeiro dia o desastre acabou matando mais de 250 pessoas, destruindo trechos de áreas florestais e córregos da região (G1, 2019).

Em junho do mesmo ano, organizando sua agenda para um segundo encontro internacional, o governo do Brasil embarca à Osaka, no Japão, para a 14ª reunião de cúpula do G20. Segundo o site oficial, o G20 é um dos mais notáveis fóruns de cooperação econômica que estabelece relações entre países que, ao se reunir para discussões amistosas demonstram o interesse em tornar seus países, já em desenvolvimento, ainda mais prósperos (G20, 2020). O Estadão define que a proposta do fórum é unir os 20 países mais industrializados que desejam cooperar economicamente de forma mútua através de suas relações internacionais. Ainda assim, com o passar dos anos, a economia não foi o único tema debatido, destacando-se também tópicos de interesse, como mudanças climáticas e formas de retardá-la, saúde pública, segurança com ênfase em migração e terrorismo e as desigualdades em seus diversos espectros (ESTADÃO, 2019).

O progressivo aumento do desmatamento do cerrado e da Amazônia, para sua conversão em pastagem, chamou a atenção de mais de 340 ONGs que, juntas, assinaram uma carta aberta requerendo aos países europeus que interrompessem acordos comerciais com o Brasil até que a preservação voltasse a ser prioridade.

Assinada em 18 de junho, o objetivo era chamar a atenção da imprensa para que questionamentos fossem levados ao G20, que ocorreria em 10 dias. Líderes reagiram de forma imediata à pressão. A chanceler Angela Merkel, em declaração aberta ao parlamento alemão, disse: “Assim como vocês, vejo com grande preocupação a questão das ações do presidente brasileiro e, se a questão se apresentar, aproveitarei a oportunidade no G20 para ter uma discussão clara com ele” (MERKEL, 2019).

Bolsonaro e sua equipe, ao desembarcarem no Japão, foram recebidos com firmes questionamentos da imprensa, que cobrou o presidente sobre a possível mudança de lado do Brasil em relação ao Acordo Climático de Paris, uma referência

direta às falas de Bolsonaro sobre uma possível saída do tratado, acompanhando os Estados Unidos sob o governo de Donald Trump.

O Acordo Climático de Paris organizou propostas, em 2015, e estabeleceu medidas para a redução da emissão dos gases responsáveis pelo efeito estufa, assim, freando o avanço do aquecimento global em 2°C. O documento, assinado por todos os países membros da ONU, ao todo 193, exige aos países mudanças de legislações ambientais para termos mais rígidos.

Em resposta à chanceler alemã, Bolsonaro disse: “Alemães têm muito a aprender com o Brasil”, referindo-se à Alemanha como um dos países europeus que mais desmatou suas florestas⁶. Ao mesmo tempo, o presidente francês, Emmanuel Macron, também cobrou Bolsonaro, durante uma reunião particular, que permaneça no acordo.

Segundo a agência de notícias, RFI⁷, Macron, durante a conversa, entrou em questões relacionadas aos conflitos ambientais da região amazônica, que também marca fronteira com o território da Guiana Francesa, e obteve respostas positivas do líder brasileiro (RFI, 2019).

Nessa mesma reunião, segundo o jornal DW, Macron declarou que o parlamento local francês não assinará o acordo comercial com o Mercosul, que vem sendo negociado há anos, caso o governo do Brasil decida por abandonar o acordo climático: “Se o Brasil deixar o Acordo de Paris, até onde nos diz respeito, não poderemos assinar o acordo comercial com eles”, pontuou Macron. Mais tarde, após a reunião e com respostas positivas, Macron acrescentou: “O presidente Bolsonaro me confirmou o seu compromisso, ao contrário das preocupações que se podia ter, com o Acordo de Paris e a luta pela biodiversidade”.

Com ambos os líderes de acordo, a comitiva voltou ao Brasil com uma manchete estampada em diversos jornais do globo: “Mercosul e UE fecham acordo histórico” (BBC, 2019). Mas a decisão não tardaria a gerar controvérsias, com o aumento de novos incêndios criminais na bacia amazônica ganhando força. “Até 14 de agosto, eram 32.728 focos registrados, número cerca de 60% superior à média dos três anos anteriores para o mesmo período média de 20,4 mil focos de incêndios” (SILVÉRIO *et*

⁶O Ministério da Agricultura da Alemanha diz que, entre 2002 e 2012, 58 mil hectares de floresta foram desmatados. No mesmo período 108 mil foram replantados.

⁷A Rádio França Internacional é uma agência de notícias que veicula conteúdos jornalísticos em mais de 18 países.

al., 2019, p. 3). Os dados apurados pelos pesquisadores mostram que 2019 venceu o número de queimadas na selva amazônica em comparação aos últimos anos. Os estudos também indicam que o período de estiagem em 2019 esteve abaixo do esperado e, por isso, a estiagem não é compreendida como causa motriz dos grandes incêndios.

Os pesquisadores ressaltam que as dez cidades dentro da região amazônica com os maiores índices de incêndios foram as que mais obtiveram aumento de desmatamento⁸ e apontam fatores que reforçam o caráter humano presente nas queimadas, como o aumento dos incêndios num ano em que os períodos de estiagem foram menores. Esses estudos demonstram que os maiores registros de desmatamento foram sucedidos por inúmeros focos de incêndios no decorrer de 2019. A concentração das queimadas segue o padrão ao atingir primeiramente áreas recentemente desmatadas, visto que o pouco período sem chuva já é suficiente para secar a vegetação rasteira resultante da derrubada de árvores.

Eles concluem que os incêndios “em áreas recém-desmatadas e com estiagem branda representa um forte indicativo do caráter intencional dos incêndios: limpeza de áreas recém-desmatadas” (SILVÉRIO *et al.*, 2019, p. 3).

Em grande parte das situações, as vastas áreas desmatadas são utilizadas para o plantio de grãos ou criação de bovinos e, segundo Alves e Modesto Júnior (2020, p. 11), a busca por maiores propriedades ganhou a ajuda de mecanismos mais modernos, como a motosserra e correntões usados em tratores para a derrubada em larga escala, unidos com a antiga utilização das queimadas.

O último dos grandes incêndios ficou conhecido como “Dia do fogo” em 10 de agosto de 2019. Na ocasião, uma série de reportagens transmitidas pela Rede Globo denunciava que ruralistas utilizavam o método de queima em áreas antes desmatadas e, agora, em recuperação, para limpá-las. O portal BBC⁹ categorizou o desastre ambiental como “um momento-chave na história recente da Amazônia” (BBC NEWS, 2019). A poluição resultante do acontecimento pôde ser vista na forma de um céu

⁸ “Estes municípios são responsáveis por 37% dos focos de calor em 2019 e por 43% do desmatamento registrado até o mês de julho” (SILVÉRIO *et al.*, 2019, p. 3).

⁹A BBC News é uma ramificação da emissora inglesa de mesmo nome. Possui abrangência mundial e produz conteúdos em língua portuguesa.

negro até mesmo na capital São Paulo, que fica a aproximadamente 2.800 km de distância.

Os incêndios tiveram início no dia 10 de agosto de 2019, 14 dias antes de mais um evento de grande relevância na política internacional, o G7. Na ocasião, a Chanceler alemã, Angela Merkel, decidiu congelar o envio de verbas ao Fundo Amazônia¹⁰. Ela enfatizou que apoia o desenvolvimento sustentável sem desmatamento na Amazônia, mas nota que no momento o presidente Bolsonaro não tem o mesmo interesse.

Enquanto isso, a ministra do meio ambiente, Svenja Schulze, afirmou, em entrevista à Deutsche Welle: “não posso simplesmente ficar dando dinheiro enquanto continuam desmatando”. Em resposta, o presidente brasileiro se referiu à chanceler alemã como “querida Angela Merkel”, a criticou e sugeriu outra finalidade à verba anual de 80 milhões agora congelada: “Pega essa grana e refloreste a Alemanha [...], lá está precisando muito mais do que aqui”.

Após o comentário, o gabinete do ministro do meio ambiente norueguês, Dagens Naeringsliv, também determinou o congelamento do valor enviado pelo país nórdico à defesa da Amazônia brasileira. No comunicado, Naeringsliv afirma compreender que o Brasil quebrou o acordo com a Noruega e a Alemanha a partir do momento em que presidente Jair Bolsonaro extinguiu a diretoria e o comitê técnico que geriam o Fundo sem demais consultas às partes, em 11 de abril de 2019. O ministro finalizou dizendo que “o que o Brasil fez mostra que eles não querem mais parar o desmatamento”.

Após esses desentendimentos que estremeceram relações diplomáticas internacionais, ocorreu, em 24 de agosto de 2019, a reunião da 45ª reunião de cúpula do G7, em Biarritz, na França, com sete das maiores economias do mundo: Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, França, Itália, Alemanha e Japão. Segundo a coluna do BR Político¹¹, o grupo tem um caráter muito mais decisivo. Nesse contexto, com a proporção dos novos incêndios, diversos líderes voltaram a demonstrar preocupação com a atuação do Brasil diante da crise ambiental.

¹⁰Criado pelo Decreto Nº 6.527, o Fundo Amazônia é responsável pela captação de recursos financeiros com o objetivo de impedir o avanço do desmatamento e do garimpo ilegal, bem como preservar a floresta amazônica e sua biodiversidade.

¹¹ O BR Político é um site pertencente ao grupo Estadão, que produz conteúdos voltados à política brasileira.

O secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, disse estar preocupado e pediu atenção, enquanto o presidente da França nomeou o evento de “crise internacional” e prometeu levar o assunto à mesa de debates do grupo dos sete.

O presidente Bolsonaro rebateu afirmando que a fala de Macron, veiculada nos noticiários, “evoca mentalidade colonialista descabida no século XXI”. Diante do embate, novas personalidades se uniram às vozes críticas internacionais, como a ativista Greta Thunberg¹², o primeiro-ministro canadense Justin Trudeau e, novamente, a chanceler alemã, Angela Merkel.

Com constantes reuniões, os chefes de governo dos sete países se mantiveram até 26 de agosto debatendo demais temáticas, como o acordo nuclear envolvendo o Irã, a simplificação de regulações e modernização de tributações internacionais. Entretanto, a constante volta ao tema ambiental levou novamente o Brasil à mesa de discussões.

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, afirmou que não concordava em retaliações ou pelo mantimento da discussão, visto que o governo brasileiro não estava presente nos debates. Os internacionalistas Giorgio Schutte, Bruno da Fonseca e Gabriel Carneiro desenvolveram estudos sobre as decisões envolvendo os representantes da Alemanha, França e Canadá e o resultado sobre a destinação de verbas que minimizassem os estragos provocados pelos incêndios na porção brasileira da floresta amazônica.

Diante de tal repercussão, sob a iniciativa do presidente francês Emmanuel Macron a reunião de cúpula do G7, realizada nos dias 24 e 25 de agosto de 2019, chegou ao acordo de liberar UR\$ 22 milhões para auxiliar na proteção da Amazônia. Contudo, Bolsonaro afirmou que só aceitaria a ajuda do G7 caso Macron “retirasse insultos” que havia feito ao presidente brasileiro (SCHUTTE; FONSECA; CARNEIRO, 2019, p. 14).

Após ser acusado por Bolsonaro de entrar em assuntos aos quais não pertence, o presidente Emmanuel Macron enfatizou: “o presidente Bolsonaro decidiu não respeitar seus compromissos climáticos nem se comprometer com a biodiversidade [...]. Nestas circunstâncias, a França se opõe ao acordo do Mercosul”. A pedido do

¹²Ativista ambiental de 17 anos. Ganhou notoriedade após protestar semanalmente sozinha em frente ao parlamento da Suécia pedindo aos legisladores mais ações de combater às mudanças climáticas. Greta já discursou na ONU e ganhou o título de Personalidade do ano de 2019, na revista Time.

gabinete, o palácio Elysée, sede da presidência da república francesa, também declarou que, devido às recentes atitudes do governo brasileiro, só resta ao presidente Macron constatar que Bolsonaro mentiu para ele durante sua reunião privada no encontro do G20 em Osaka, no Japão, onde discutiram maneiras de reduzir o desmatamento e garantir a viabilidade do acordo de livre-comércio entre Mercosul e União Europeia, portanto, Macron declara ser oficialmente contra o prosseguimento do tratado (BRPOLÍTICO - ESTADÃO, 2019).

É nesse contexto de crise ambiental e embates diplomáticos internacionais que as reportagens selecionadas como *corpus* deste trabalho foram produzidas. No próximo tópico, então, o desdobramento das reuniões e a forma como foram narradas por veículos de imprensa de três países são revisitados de forma completa, com o intuito de compreender a pluralidade dos discursos transpassados aos seus leitores.

5 ANÁLISES

Pautados na compreensão dialógica de linguagem, realizamos uma análise discursiva de três diferentes reportagens jornalísticas sobre os incêndios florestais da Amazônia em 2019: *Incêndios na Amazônia incitam alerta e raiva na Europa*, do estadunidense The New York Times; *Os incêndios na Amazônia provocam uma crise diplomática entre a França e o Brasil*, do francês Le Monde; e *Incêndio na Amazônia gera conflito entre Brasil e Europa e impacta na economia*, do japonês Nihon Keizai Shimbun¹³.

5.1 THE NEW YORK TIMES

¹³ Os enunciados foram analisados a partir de traduções livres solicitadas a professores de cada uma das línguas nas quais foram originalmente escritos. Sabemos que, no processo de tradução, há algumas adaptações linguísticas para a construção dos sentidos. No entanto, como não somos proficientes em leitura nas três diferentes línguas, acreditamos que a tradução serviu para dar o tom da construção discursiva empregada em cada um dos veículos, possibilitando-nos observar as relações dialógicas que estabelecem com outros discursos sociais. Os textos originais e as traduções constam nos anexos deste artigo.

Fundado em Nova York no ano de 1851, o New York Times se consagrou como um dos maiores e mais importantes jornais do mundo. Seu padrão jornalístico é espelhado na imprensa de dezenas de outros países. Atualmente, ele possui 6,5 milhões de assinantes. Ele se define como liberal e, desde 1960, demonstra endosso aos ideais dos candidatos presidenciais do Partido Democrata dos Estados Unidos.

O texto que analisamos foi publicado no dia 23 de agosto de 2019, apenas um dia antes da abertura oficial das reuniões de cúpula do 45º G7, e é escrito por Richard Pérez-Peña, jornalista, editor e repórter da editoria Internacional do New York Times; e Matina Stevis-Gridneff, jornalista correspondente do jornal na União Europeia.

Pérez-Peña possui um perfil no Twitter em que, além de compartilhar suas reportagens, comenta sobre política. Seus apontamentos são favoráveis à racionalidade e ao cientificismo, também se opõe às decisões do atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e à crise negacionista em relação à pandemia da COVID-19, em 2020.

Stevis-Gridneff, também em sua conta no Twitter, demonstra afeição a movimentos igualitários e aos direitos de minorias, o que é refletido em suas pautas no New York Times, na maioria das vezes apontando o foco do jornal a estes temas. Gridneff também desempenhou este papel em seu período como correspondente na África.

A reportagem inicia com o seguinte título:

Incêndios na floresta do Brasil incitam alerta e raiva na Europa¹⁴

Na manchete, a notícia se apresenta enfatizando a raiva européia, ou seja, como se um continente inteiro estivesse em dissonância com um país, o Brasil. Essa ideia de união contra apenas uma nação poderá ser revisitada conforme adentramos na análise.

¹⁴ A formatação do texto que é analisado neste tópico foi idealizada com recuo e fonte diminuta na intenção de tornar fluida a leitura, destacando sempre da mesma forma os trechos da reportagem, independentemente de seu tamanho. Todos os trechos fazem parte do mesmo enunciado e possuem a mesma referência: PÉREZ-PEÑA, Richard; STEVIS-GRIDNEFF, Matina. **Brazil's Rainforest Fires Prompt Alarm and Anger in Europe**. The New York Times. Londres, 23 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/08/23/world/americas/amazon-fires-brazil.html?auth>>. Acesso em: 24 ago. 2019.

O destaque ao sentimento de raiva demonstra que a Europa pode não ter razão neste embate, portanto, a não ser que o leitor esteja anteriormente a par do acontecimento, a primeira impressão passada pelo título é de que o velho continente está criando problemas num território que não necessariamente diz respeito a ele.

Em seguida, o primeiro parágrafo anuncia:

Líderes europeus demonstraram medo e raiva sobre os incêndios destruindo a Amazônia brasileira, chamando-os de uma crise mundial que está acelerando o aquecimento global — uma crise que o líder brasileiro parece relutante em combater.

Dois sentimentos foram destacados pelo jornal durante a observação.

O medo deve-se ao fato de que, desde 2015, com o Acordo de Paris, a Europa tem tomado a dianteira em debates sobre legislações que atrasem os danos ao meio ambiente, portanto, ao notar movimentos contrários em países que possuem importantes ecossistemas para o mantimento da taxa de gás carbônico em níveis baixos, assusta-se.

Raiva, por perceber que o atual comandante do Brasil, Jair Bolsonaro, não demonstra disposição para atuar de forma rápida e eficaz contra o extensivo desmatamento, e atualmente queimadas, em solo amazônico; pelo contrário, tenta até mesmo expurgar os países que se aproximam na intenção de promover um debate sobre a situação.

A seguir, o jornal mostra que a visão europeia compreende os incêndios não somente como um desastre regional, mas sim uma crise que atinge todo o globo, fala que é criticada por Bolsonaro, ao compreender ser esta uma atitude que tenta desvincular a Amazônia ao território brasileiro.

A frase final mantém ligação com as posições de líderes europeus, portanto, afasta, à primeira vista, uma opinião explícita do jornal, embora auxilie na construção da narrativa europeia e deixe clara a posição do velho continente em relação aos cuidados da floresta realizados pelo governo do Brasil.

O presidente da França, Emmanuel Macron, na sexta-feira, chegou a acusar o presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, de mentir sobre estar comprometido a lutar contra as mudanças climáticas e proteger a floresta amazônica.

O trecho traz uma referência direta ao primeiro evento em que ambos os presidentes se reuniram, o G20, em Osaka. Durante as reuniões, Macron demonstrou interesse em compreender os avanços no combate dos desmatamentos por parte do governo do Brasil, e Bolsonaro afirmou estar comprometido com a causa.

As atitudes do governo brasileiro, segundo a presidência da França, vão em sentido contrário ao comprometimento: trata-se de uma mentira.

Como resultado, disse Macron, ele tentaria encerrar um grande acordo comercial entre a Europa e a América do Sul que tem sido planejado há anos.

O jornal adiciona a Macron uma personalidade revanchista, relativa a quem ameaça. Ao tentar encerrar o acordo entre Mercosul e União Europeia, pode-se destacar que o verbo *tentar* indica a falta de uma superioridade francesa, capaz de decidir por unanimidade, ou seja, Macron não tem força necessária sozinho, mas, ainda assim, afrontará a decisão, posicionando-se contra o governo brasileiro.

A declaração de Macron escalou uma série de comentários e acusações que ele tem trocado com Bolsonaro, uma troca incomumente áspera entre líderes de duas democracias.

Macron continua sendo o foco, dessa vez, oficializado pelo jornal como causador da crise diplomática entre Brasil e França. As respostas de Bolsonaro sequer são mencionadas até então pelo jornal, apenas se referindo distantemente a elas. A crise é adjetivada como *incomumente áspera*, dando a ideia de que raras vezes outros países entraram em discussões como essa.

Ao ver do jornal, a briga iniciada por Macron é, até então, uma das maiores do momento, mas ainda se trata de democracias plenas – indicando um diálogo de afastamento do jornal para com os discursos que apontam o governo brasileiro como autoritário, próximo de uma ditadura –, o que é contestado na visão dos jornais que serão analisados a seguir.

O presidente francês e a chanceler alemã Angela Merkel afirmaram que os incêndios na Amazônia devem ser incluídos na agenda do encontro do G7, que acontecerá no fim de semana, e que Bolsonaro respondeu dizendo a eles para tirarem os narizes dos assuntos do Brasil.

O New York Times acrescenta a proximidade – de um dia – para o início das reuniões com o G7 e destaca a tese de Bolsonaro que compreende não haver necessidade de países estrangeiros interferirem em territórios dos quais não possuem controle.

Os incêndios incitaram uma repercussão generalizada contra o Brasil e seu presidente de extrema direita, que reduziu a proteção de terras selvagens e quer disponibilizar uma porção maior da floresta amazônica para o agronegócio.

Nesse trecho, é possível encontrar um tom destoante. Da mesma forma que assinala o extremo posicionamento no espectro político de Bolsonaro, como forma de criticá-lo, também explica a situação de forma genérica. Ao dizer que o presidente brasileiro reduziu a proteção de terras selvagens, não esclarecendo sua importância ao Brasil, ou mesmo o que há dentro dessas terras, não há como compreender os pontos negativos em extingui-la.

Há também uma sobreposição de necessidades quando o jornal contorna a importância das florestas e fala sobre o agronegócio. Uma visão externa, sem contexto, poderá entender que a derrubada de partes da Amazônia é justificada pela necessidade de aumento dos campos, pela produção de alimentos.

Ambientalistas e celebridades pediram um boicote ao país, e Alemanha e Noruega suspenderam pagamentos a um programa de conservação da Amazônia no valor de 1.2 bilhões de dólares após Bolsonaro interferir na liderança do programa.

O cerco internacional ao Brasil começa a se fechar quase de forma maliciosa no discurso do jornal. Quando ambientalistas, que são extremamente criticados em discursos alarmistas, tanto por Donald Trump quanto por Jair Bolsonaro, unem-se a países europeus que já estabeleceram cortes aos seus programas de patrocínio da preservação da floresta, a imagem que se constrói é de um país fragilizado por constantes ataques coordenados no exterior, sem necessariamente possuir culpa.

Embora não aprofunde, a última frase, que destaca a interferência de Bolsonaro, seria o suficiente para explicar a motivação dos movimentos ambientais no exterior: a tentativa do ministro do meio ambiente de alterar ou extinguir conselhos do Fundo Amazônia, criticada por financiadores do Fundo, ainda assim chancelada pelo

presidente da república, que, por meio das mudanças em sua gestão, poderá ter mais controle sobre as verbas transferidas ao Brasil.

Enquanto muitos dos incêndios têm sido iniciados por fazendeiros em terras anteriormente desmatadas, outros foram iniciados por pessoas limpando regiões ainda não exploradas da mata, para plantações ou pasto. O número de incêndios aumentou drasticamente neste ano, e ambientalistas dizem que o governo de Bolsonaro permitiu e até encorajou a destruição, algo que o governo nega.

A primeira linha passa a imagem de que já não havia o que ser feito, sendo que a terra já estava desmatada, os fazendeiros a usaram. A tática de remeter à necessidade de alimentar o país através da permissibilidade para com os agricultores volta neste parágrafo.

Trechos que citam a mata como não explorada levam a crer que elas são inúteis se deixadas sem ação do homem. Ao finalizar o parágrafo, existe uma pontuação contrária na fala dos ambientalistas e da referência sobre o aumento de incêndios, mas nada possui referência concreta, não se sabe quem são ou mesmo quais os dados do desmatamento em anos anteriores.

A tentativa de descaracterizar a importância fecha o ciclo com o destaque à negação do governo, que desmente ter encorajado as queimadas. Ou seja, é possível identificar no texto do NYT seus apontamentos sobre o governo brasileiro ser responsável pelas queimadas, mas não concorda necessariamente com eles, atenuando a ideia dos incêndios e expondo o posicionamento oficial do Brasil.

Bolsonaro alegou nesta semana que organizações não governamentais iniciaram os incêndios para manchar a imagem de sua administração, em retaliação por terem seus recursos governamentais cortados, mas admitiu que não tinha evidências para a acusação. Ele disse que seu país não tem recursos para combater os incêndios efetivamente.

O jornal destaca que Bolsonaro alegou uma acusação, mas admitiu não ter provas dela. A sensação ao se ler é de que o presidente do Brasil teve cuidado em denunciar algo do qual ainda não possui provas, mas se resguardou ao admitir essa ausência. Em outra construção discursiva mais objetiva, seria nítido o entendimento de que se trata de uma acusação falsa, ou, como Macron argumentou acima, uma mentira.

Na última linha, o discurso de vítima cabe novamente ao Brasil. Os cortes promovidos por Noruega e Alemanha impediram o governo de agir, não a sua falta de interesse.

A floresta amazônica é um importante repositório global de carbono, e quando árvores são queimadas elas liberam dióxido de carbono, o gás principal do efeito estufa, na atmosfera. Além disso, o desmatamento ameaça povos indígenas e a vida selvagem encontrada apenas na região.

Este é o mais próximo que o texto chega de contextualizar a importância da floresta ao Brasil, ainda assim não direciona a origem do desmatamento ou mesmo a relação com nenhum governo.

Na quinta-feira, Macron tuitou: "Nossa casa está queimando. Literalmente. A Amazônia - os pulmões que produzem 20% do oxigênio de nosso planeta - está em chamas. É uma crise internacional." Ele disse que o G7 deveria discutir o problema em seu encontro, que começa no sábado em Biarritz, França.

A afirmação de Macron não é verdadeira, mas sim uma máxima comumente usada, agora já desmentida. Parece haver relação em demonstrar contínuos erros do presidente francês para descaracterizá-lo como pessoa mais indicada a criticar medidas ambientais de outros países.

Bolsonaro acusou Macron de tentar usar o problema "para ganhos políticos pessoais." A ideia de grandes poderes discutindo um problema brasileiro sem incluir o Brasil, que não é um membro do G7, "evoca uma mentalidade colonialista mal colocada," ele escreveu.

O discurso focado na intromissão externa à política interna do Brasil voltou a ser destacado, dessa vez com falas diretas de Bolsonaro. O presidente do Brasil começa a tomar corpo nessa reportagem como defensor de uma soberania até então atacada externamente – num discurso de concordância com a ideia do colonialismo europeu.

Mas logo se tornou evidente que Macron não estava sozinho. O secretário geral das Nações Unidas, António Guterres, disse, "em meio a uma crise climática global, nós não podemos permitir que mais danos sejam causados a uma grande fonte de oxigênio e biodiversidade"

Diferentemente dos argumentos de autoria de Macron, o jornal leva ao secretário-geral da ONU um tom mais aprofundado de sua preocupação. Deixa-se espaço para entender que Macron e alguns líderes europeus buscam vantagens políticas, enquanto o ramo das Nações Unidas sediado em Nova York procura convencer sobre a preservação pela riqueza que vive na floresta.

Na sexta-feira, Steffen Seibert, um porta-voz de Angela Merkel, disse em uma coletiva de imprensa que "o nível dos incêndios na Amazônia é chocante e ameaçador, não apenas para o Brasil e os outros países afetados, mas para todo o mundo." Como Macron, ele disse, 'a chanceler está convencida de que essa grave emergência deveria estar na agenda do G7'.

A descrição do apoio vindo da Alemanha auxilia na construção discursiva que ilustra uma união política entre os chefes das nações europeias, com o objetivo de pressionar com maior ferocidade o governo do Brasil, ou seja, o governo brasileiro estaria indefeso.

Um porta-voz da Comissão Europeia chamou os incêndios no Brasil de 'profundamente preocupantes', adicionando que 'a emissão de gases do efeito estufa ligadas ao desmatamento é a segunda maior causa das mudanças climáticas, então proteger florestas é uma parte significativa de nossa responsabilidade de cumprir as metas estabelecidas pelo Acordo de Paris'.

Mais aliados à mesa do G7, agora a discussão sobre o meio ambiente que contava apenas com a França passa a ganhar peso na Europa, que conta com quatro cadeiras no G7.

Oficiais franceses disseram que não esperam que o Presidente Trump se junte ao G7 ao expressar preocupações sobre mudanças climáticas, apesar dos incêndios. Trump acolheu Bolsonaro, observando que ele foi chamado de 'o Donald Trump da América do Sul'.

Já há divergência na mesa do G7, e a França compreende de antemão que não pode contar com o apoio dos Estados Unidos. Isso se explica pela divergência já conhecida de Trump com os acordos de clima, além disso, ao trazer uma sentença que compara Bolsonaro ao presidente estadunidense, cria-se uma imagem não somente de aliança entre os dois países, mas sim de um espelhamento vindo do presidente brasileiro.

Macron aumentou as apostas na sexta-feira, ao se opor a um dos maiores acordos comerciais da história, entre a União Europeia e o Mercosul, a região comercial que inclui Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. O acordo, assinado em junho após duas décadas de negociações, iria elevar tarifas em aproximadamente 1 trilhão de dólares em comércio anual.

A construção discursiva do NYT é de que o presidente da França brinca com a validação de um dos maiores acordos da história. Ao aumentar a aposta, o jornal demonstra que o orgulho vale mais que os benefícios aos países citados. O jornal constrói uma imagem leviana de Macron.

O acordo enfrentou oposição rígida dos grupos ambientais que dizem que encorajaria a destruição de florestas para abrir caminho para agricultura, e de fazendeiros que temem importações sul-americanas baratas. Macron, um defensor da batalha contra as mudanças climáticas e líder de um dos maiores produtores agrícolas do mundo, tem se mostrado hesitante sobre o acordo. Em junho, antes de um acordo político ser alcançado, ele ameaçou bloquear o acordo caso Bolsonaro retirasse o Brasil do acordo climático de Paris, como ele havia ameaçado fazer.

Podem ser identificadas duas etapas de uma construção discursiva. A primeira se refere novamente à necessidade de o Brasil produzir alimentos e que a destruição de uma parcela da floresta será justificada por essa motivação.

A segunda trata sobre a real atenção, conforme o jornal, que a França dá a esse acordo. Quando se relata que os produtos brasileiros, ao entrarem na Europa, serão mais baratos, portanto, mais competitivos no mercado, Macron é contrário.

Apesar de descrito como defensor das mudanças climáticas, a produção de alimentos francesa é destacada logo abaixo. É possível entender que o acordo só será desfeito com o pretexto climático pela desvalorização da economia francesa, não havendo necessariamente culpa alguma ao governo do Brasil.

“Estamos pedindo aos nossos fazendeiros que parem de usar pesticidas, estamos pedindo a nossas empresas que produzam menos carbono — isso tem um custo em competitividade”, disse Macron na época. “Então não vamos dizer de um dia para o outro que vamos receber bens de outros países que não respeitam”.

Nesse trecho, a imagem de que Macron se importa com a saúde pública e com o meio ambiente, a ponto de sacrificar pedaços da economia francesa, destaca-se. Ele

não espera que produtos externos que não sacrificam suas próprias economias ganhem o mercado interno.

Os dois presidentes discutiram o assunto mais tarde naquele mês, em um encontro do G20 em Osaka, no Japão.

“Dada a atitude do Brasil nas últimas semanas, o presidente da república só pode concluir que o Presidente Bolsonaro mentiu para ele no encontro em Osaka”, disse o gabinete de Macron, em uma declaração liberada na manhã de sexta-feira.

“As decisões e comentários do Brasil nas últimas semanas,” continuou a declaração, “mostram que o Presidente Bolsonaro decidiu não respeitar suas obrigações quanto às mudanças climáticas, nem a se comprometer com problemas relacionados à biodiversidade. Sob estas condições, a França se opõe ao acordo do Mercosul em sua configuração atual”.

O encontro foi ameno, apesar de já haver acenos de Bolsonaro às decisões de remoção do Brasil do Acordo de Paris, da mesma forma que seu par, na presidência americana.

Na reunião, Bolsonaro se comprometeu a incentivar a preservação a fim de garantir a entrada do Mercosul no mercado europeu. Falas que não se concretizaram e, como reportado acima, levaram Macron a chamá-lo de mentiroso.

O jornal escolhe construir as falas ditas tanto por Macron quanto por seu gabinete, passando a impressão de que tal organização reflete também o pensamento do editor do texto.

Para entrar em vigor, o acordo comercial deve ser ratificado pelo Parlamento Europeu, ainda assim, alguns países membros poderão insistir para que seus parlamentos nacionais também votem sobre o acordo. A resistência já era forte o suficiente e a oposição de Macron pode ser decisiva.

O jornal finaliza enfatizando o peso da decisão de Macron. Não se trata mais de meio ambiente, Macron poderá influenciar outros parlamentos de países menores sobre os pontos negativos de manter o acordo com o Mercosul e, conforme a construção discursiva do jornal, isso pode acontecer não pela preocupação de Macron com o clima, mas por sua preocupação capitalista com a economia francesa.

Apesar de a pauta ser ambiental, a matéria remete a discursos sobre política e economia, destacando diversas justificativas para a situação no Brasil, o que, ao ser lido sem aprofundamento e contextualização, pode fazer sentido para o leitor e

imprimir um tom que não observa o caráter de crise internacional. O Brasil é retratado como um país democrático, e são ressaltadas outras motivações da parte do presidente francês para com os incêndios e o acordo comercial. Os discursos que a matéria destaca são diferentes dos que estão em evidência na matéria do jornal francês, que analisamos a seguir.

5.2 LE MONDE

Criado em 1944, após a capitulação nazista em Paris, o Le Monde consolidou seu nome como um dos principais periódicos na luta da liberdade de expressão na Europa. Seu tom crítico e analítico é parte do seu conhecido *modus operandi*.

O Le Monde se caracteriza atualmente na cena política como liberal e social-democrata, portanto, em sua carta de ética, assume o compromisso de não interferir por meio de posicionamentos ou apoios diretos a nenhum candidato, seja regional ou nacional.

A matéria analisada foi escrita no dia 24 de agosto de 2019, data que marca o início dos trabalhos na 45ª reunião de cúpula do G7. O texto foi assinado por Bruno Meyerfeld, jornalista brasileiro correspondente do jornal, cobrindo assuntos externos à França, majoritariamente a respeito do Brasil, e Marc Semo, jornalista responsável pela editoria internacional do jornal.

Bruno Meyerfeld escreve matérias principalmente sobre política e a socioeconomia do Brasil de forma crítica. Embora não se posicione explicitamente contra ou a favor ao atual governo, é possível notar rigor em seus apontamentos.

Marc Semo utiliza pouco as redes sociais. Durante sua atuação como repórter, cobriu a guerra da Iugoslávia e as tensões entre a Turquia e a União Soviética, esta última resultando em um livro que narra os atritos entre os países. Possui visão criteriosa e amplo conhecimento em relações internacionais.

A reportagem inicia com o seguinte título:

Incêndios na Amazônia provocam uma crise diplomática entre a França e o Brasil¹⁵

¹⁵ A formatação do texto que é analisado neste tópico foi idealizada com recuo e fonte diminuta na intenção de tornar fluida a leitura, destacando sempre da mesma forma os trechos da reportagem, independentemente de seu tamanho. Todos os trechos fazem parte do mesmo enunciado e possuem a mesma referência: MEYERFELD, Bruno;

Os jornalistas, em contramão à ideia passada no The New York Times, retiram o peso do bloco europeu na manchete e delimitam o atrito apenas a dois países, o Brasil e a França. Em seguida, a linha fina destaca:

Emmanuel Macron acusou o presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, de ter 'mentido' sobre seu engajamento a favor do meio-ambiente

O trecho é em alusão à reunião do G20, no Japão, numa reunião a portas fechadas, na qual o presidente brasileiro assegurou que a preservação da Amazônia estava em seus planos de governo, o que não se comprovou após o desastre ambiental na floresta.

A seguir, o primeiro parágrafo elucida:

Nesse cenário de enormes incêndios na Amazônia, a França e o Brasil atravessam a sua pior crise diplomática desde o regresso da democracia a Brasília no final dos anos 80. Trata-se, portanto, segundo muitos observadores, do conflito mais grave na história das suas relações bilaterais.

O enunciado, logo no início, afasta a dúvida dos leitores de que possa ser um acontecimento comum, ao caracterizar os incêndios como enormes. Ele segue explicando que considera os atritos como a pior crise diplomática entre ambas as nações em décadas, desde o fim da ditadura. Implicitamente, ter crises diplomáticas com um país que se aproxima de um comportamento equiparado aos anos finais de seu período autocrático acende um alerta vermelho aos leitores e reverbera discursos de que o atual governo brasileiro se assemelha, de alguma forma, a um governo não democrático.

Como muitas vezes tem acontecido no século XXI, tudo começou com um tweet. Na quinta-feira, o Presidente francês, Emmanuel Macron, comoveu-se na rede social sobre a tragédia dos incêndios que atingiram a Floresta amazônica, 72.843 incêndios registrados desde o início do ano, ou seja, um aumento de 83% em relação ao ano anterior.

Logo no início do parágrafo, uma crítica pode ser encontrada. Ao se referir diretamente à rede social Twitter, o jornal relembra que diversas outras contendas tiveram seu início no site. Em um contexto de crise política fomentada nas redes, lembrar que líderes como Donald Trump e o próprio Jair Bolsonaro as têm usado como ferramenta de comunicação expressa é necessário. A seguir, diferentemente do The New York Times, o Le Monde apresenta um dado explícito sobre os incêndios no começo do texto. Ao fazê-lo, parece concordar com e destacar ao leitor os discursos de que a situação no Brasil está fora de controle.

“Nossa casa está queimando. Literalmente!”, indignava-se o chefe de Estado, evocando uma ‘crise internacional’, bem decidido a colocar esta questão como ponto central da agenda do G7, que teve início no sábado, 24 de agosto, em Biarritz.

O *tweet* de Macron esbarra em três possíveis visões argumentativas. A primeira entende que, pela Amazônia ser a maior floresta tropical do mundo, suas mudanças através da devastação devem acarretar desequilíbrio nos ecossistemas regionais, no clima continental e, por consequência, em mudanças irreversíveis ao planeta. Ou seja, nossa casa, refere-se ao globo.

A segunda compreende que a floresta Amazônica também divide fronteira com a França, quando lembrados de que seu território além-mar, a Guiana Francesa, também se situa em grande parte do bioma.

A terceira é, como argumenta Bolsonaro, uma tentativa de desassociar discursivamente a floresta ao Brasil, o que tem como objetivo ‘abri-la’ a qualquer outra nação, podendo assim explorá-la, também, em detrimento do Brasil.

A twittosfera da extrema-direita brasileira está agitada. Surge imediatamente uma hashtag #Macronlies (Macron mente), utilizada no mundo inteiro para veicular torrentes de insultos contra o presidente francês, retratado como Pinocchio ou um palhaço com nariz vermelho, vítima de “alucinações” e de “delírios psicóticos” desejando invadir a Amazônia, sobre um fundo de Notre-Dame em chamas, manifestações dos “coletes amarelos” ou de incêndios florestais no sul de França.

A relação mútua entre as redes sociais e seus seguidores dão força ao governo do Brasil. É clara a apresentação beligerante da internet brasileira com seus insultos e despreocupação com as consequências políticas externas que poderiam acarretar as

ofensas em massa de um líder estrangeiro, liderado por seu presidente. Reverbera aqui o discurso de que o governo brasileiro, na figura de seu atual presidente, é responsável por disseminar uma série de *fake news*. Há também um detalhe importante: o jornal já associa o Brasil à nova onda da extrema-direita.

Mensagens compartilhadas pelo clã Bolsonaro, em primeiro lugar pelos três filhos do chefe de Estado, Flávio, Carlos e Eduardo. Este último provável futuro embaixador do Brasil nos Estados Unidos, transmitiu um vídeo com o título pouco diplomático: 'Macron é um idiota'.

O jornal apresenta ao seu público o que chama de clã, a família, quase totalmente política, de Bolsonaro e sua visão de mundo, ao que continuam descrevendo como extremista. Destaca-se Eduardo Bolsonaro, que até a data da reportagem era cotado para substituir o embaixador interino nos Estados Unidos, Nestor José Forster Junior¹⁶. A ideia de clã, somada a uma nomeação de altos cargos à família, constrói uma imagem tribal à política do governo brasileiro. O trecho também deixa claro que a origem das mensagens circulando nas redes está relacionada ao presidente brasileiro, já que seu próprio filho postou o vídeo insultando o presidente francês.

Perplexa com tamanha afronta, a Presidência Francesa respondeu na sexta-feira.

É entendível que a perplexidade se justifique tanto pelas ofensas destinadas a Emmanuel Macron por parte de membros do governo, por estes mesmos membros guiarem uma torrente de usuários a também realizarem as ofensas, e, por último, pelos contínuos ataques *ad hominem* por parte do presidente do Brasil ao presidente da França. Portanto, é justificável e necessária a resposta por parte do gabinete presidencial ao governo brasileiro.

O Elysée¹⁷ acusa Jair Bolsonaro de ter 'mentido' sobre os seu engajamento a favor do meio-ambiente e anuncia em seguida a sua oposição, nas condições atuais, ao comércio livre entre o Mercosul (incluindo o Brasil, a Argentina, o Paraguai e o Uruguai) e a União Europeia (UE), assinado no mês de Junho, após duas décadas de difíceis negociações.

¹⁶Após a desistência acerca da nomeação de Eduardo Bolsonaro à embaixada estadunidense, Nestor Foster foi efetivado em sabatina do senado como Embaixador efetivo nos Estados Unidos (G1 POLÍTICA, 2020).

¹⁷ Elysée, em português, Palácio dos Elísios, é a residência oficial do presidente da França e usa-se de forma semelhante ao Brasil, quando é dito: "Em nota o Planalto disse".

Novamente, o argumento da principal promessa que não foi cumprida volta à discussão, desta vez como fator motriz para o encerramento do tratado. O jornal ilustra que, diferentemente do Brasil, o governo francês estaria disposto a interromper um acordo internacional em prol da defesa do meio ambiente e enfatiza a dificuldade em tratá-lo, ainda assim, deposita a culpa nas atitudes levianas de Jair Bolsonaro e seus asseclas de governo.

O enunciado, em aspecto geral, apresenta uma versão francesa do embate. Sua construção discursiva mostra um Brasil governado por um presidente autoritário, irresponsável e extremista. E destaca as justificativas que levaram a França a responder, tanto oficialmente, por declarações, quanto politicamente – levando até mesmo o assunto para a mesa de debate do G7 –, posicionando-se contra o acordo de livre comércio entre o Mercosul e a UE. Ao contrário do enunciado do New York Times, os discursos aqui remetem à culpa direta do presidente brasileiro pelos incêndios e suas consequências.

5.3 NIHON KEIZAI SHIMBUN

Fundado em 1876 pela necessidade de informar empresários sobre o mercado exterior e seus efeitos na economia japonesa, o jornal evoluiu para um dos maiores conglomerados de mídia do mundo. O jornal Nihon Keizai Shimbun, The Nikkei¹⁸, como é coloquialmente conhecido, manteve-se como uma das maiores referências em coberturas financeiras, o que resultou na compra do jornal britânico Financial Times, pela empresa. O jornal assume uma filosofia liberal e se posiciona do lado do livre comércio, da democracia e do bem-estar social.

A reportagem foi publicada em 29 de agosto de 2019, três dias após o encerramento da reunião de cúpula do G7, e foi escrita pelo jornalista Naoyuki Toyama, correspondente do The Nikkei na América do Sul, em parceria com Yasuo Takeuchi, também jornalista, correspondente-chefe em Bruxelas.

¹⁸ Nikkei é a junção das palavras Nihon e Keizai. A união dá nome tanto ao conglomerado de mídia dono do jornal quanto ao jornal, de maneira coloquial.

Naoyuki Toyama é chefe do escritório da Nikkei em São Paulo desde 2017 e realiza a cobertura midiática de toda a América do Sul para o jornal japonês. Produz conteúdos relacionados à política e economia latina. Em sua conta no Twitter, é discreto, apenas compartilhando seus artigos e raras vezes escrevendo na rede. Quando o faz, procura explicar situações de forma aprofundada, demonstrando diversas visões sobre um mesmo tema.

Yasuo Takeuchi é correspondente-chefe do escritório de Bruxelas e, diferentemente do colega de reportagem, não possui redes sociais, senão um perfil no LinkedIn que não utiliza. Todas as matérias que o jornalista escreve possuem em comum o paralelo que faz com o país noticiado em relação à Ásia.

O título da matéria apresenta o texto dizendo:

Incêndio na Amazônia gera conflito entre Brasil e Europa e impacta na economia¹⁹

Ao colocar o Brasil na linha de frente do embate com a Europa, é possível compreender que, apesar de a Amazônia não pertencer totalmente a um único país, seus incêndios são sim de responsabilidade dele, a ponto de este entrar em conflito com um continente inteiro e, assim, estremecer o comércio dos dois blocos.

Na sequência, encontra-se no primeiro parágrafo:

Com a expansão dos incêndios florestais na região amazônica no norte do Brasil, o conflito com a Europa vem se aprofundando.

Os incêndios, ao ver do jornal, não foram repentinos, eles se expandem, portanto já em longo prazo aprofunda os conflitos diplomáticos. O significado de aumento gradual dos incêndios pode simbolizar que a falta de combate deixa de ser pelo fator surpresa, mas sim pelo descaso.

¹⁹ A formatação do texto que é analisado neste tópico foi idealizada com recuo e fonte diminuta na intenção de tornar fluida a leitura, destacando sempre da mesma forma os trechos da reportagem, independentemente de seu tamanho. Todos os trechos fazem parte do mesmo enunciado e possuem a mesma referência: TOYAMA, Naoyuki; TAKEUCHI, Yasuo. アマゾン火災 欧州・ブラジルの対立、経済にも波及。(Incêndio na Amazônia gera conflito entre Brasil e Europa e impacta na economia). Nihon Keizai Shimbun. São Paulo e Bruxelas, 29 ago. 2019. Disponível em: <https://www.nikkei.com/article/DGXMZO49181960Z20C19A8FF2000/?n_cid=SPT>. Acesso em: 05 set. 2019.

O governo Bolsonaro possui como prioridade o crescimento econômico, assim se opondo ao pensamento europeu que visa à preservação da floresta amazônica.

O parágrafo auxilia na construção discursiva, de acordo com o jornal, das prioridades de cada Estado. O governo de Bolsonaro, não o país por inteiro, valorizará a economia, apesar de qualquer outra necessidade se apresentar. Já o bloco europeu ganha o título de assegurador da preservação, logo, contrário ao presidente brasileiro.

A justificativa do governo é de que se trata de uma "questão interna". A deterioração das relações com a Europa representa também um risco de que o crescimento econômico seja prejudicado.

O jornal ressalta com clareza que se trata de um argumento vindo da gestão governamental, com isso, afasta-se do uso da declaração como subsídio para um argumento próprio. Além disso, a matéria esclarece que o Brasil, agora sim de forma completa, poderá sair com a economia fraturada dos atritos com a Europa.

O presidente Bolsonaro anunciou no dia 28 que os países da região amazônica se reunirão na Colômbia em 6 de setembro para discutir medidas contra incêndios. O mesmo diz que o incêndio na Amazônia é problema da América do Sul, acusando o presidente francês, Macron: 'Ele me chamou de mentiroso'. Macron disse em 26 de agosto: 'Espero que os brasileiros tenham rapidamente um presidente que se comporte à altura'.

A declaração de Bolsonaro, escolhida para a matéria, auxilia na construção da imagem de lentidão do governo brasileiro. Enquanto o presidente marca um encontro para discutir com demais líderes de países fronteiriços possíveis atuações nos incêndios na Amazônia, ela queima. E, além disso, destacam que Bolsonaro rechaça o auxílio da Europa, novamente mencionada, desta vez, com um de seus países diretamente citado, a França.

Ainda assim, diante do trecho da acusação contra o presidente francês, o jornal encontra uma maneira de esquivá-lo, parafraseando o que cronologicamente foi uma resposta, mas, desta forma, podendo ser entendido como uma contradição à queixa de Bolsonaro.

Ambas as partes desdobram o debate em torno do incêndio da floresta amazônica. Macron, que atribui grande importância às medidas contra o aquecimento global, disse: 'Nossa casa está queimando', no encontro dos sete

principais países (Cúpula do G7), realizada em Biarritz, França, no final de agosto. O mesmo liderou a coordenação de assistência emergencial de US\$20 milhões (cerca de 2,1 bilhões de ienes).

Nesse parágrafo, a matéria deixa ainda mais claro seu posicionamento, concedendo à Europa, neste caso liderada pela França, a imagem de único bloco com reais preocupações em relação ao meio ambiente, a ponto de formarem um fundo monetário de auxílio às queimadas, abraçando a Amazônia como casa comum.

Enquanto isso, Bolsonaro acusou repetidamente 'A Amazônia pertence ao povo brasileiro'. A sugestão de Macron 'evoca mentalidade colonialista' e que não vai receber Assistência emergencial a menos que Macron se desculpasse.

Enfatizam o argumento novamente e, desta vez, não somente ilustram a falta de assistência do governo, mas sim a tentativa de dificultar a atuação ou mesmo o chamar de atenção vinda do velho continente.

Ao descrever Bolsonaro como acusador, criam a imagem de ataque, que amplia o entendimento de uma batalha entre a defesa e a destruição da floresta. Ainda assim, unido à construção acima, que afirma que o Brasil poderá sair perdendo economicamente deste embate sobre a preservação ambiental, o texto ilustra a seus leitores uma atitude imprópria até mesmo a quem propõe foco nas finanças.

Em período de seca os incêndios florestais não são incomuns no Brasil. O governo argumenta: "Os incêndios estão na média anual por ser época de queimada". Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), o número de incêndios na região amazônica este ano foi cerca de 60% maior em comparação do pico mais recente de 2010.

O jornal encontra uma maneira de desmentir a fala do governo brasileiro, sem necessariamente se posicionar explicitamente, apenas citando dados de um órgão também brasileiro, que afirma justamente o oposto ao que a comunicação do presidente diz.

O interesse internacional é, em parte, devido às contribuições de Bolsonaro. Bolsonaro, que assumiu o cargo em janeiro, é cético em relação ao aquecimento global e prioriza o desenvolvimento econômico em vez da proteção ambiental. Na campanha das eleições presidenciais de 2018 disse que "As políticas de terra e proteção ambiental dos povos indígenas são um obstáculo ao desenvolvimento", e prometeu facilitar a venda e compra de terras reduzindo a fiscalização, para expansão do desenvolvimento na Amazônia.

Embora o presidente do Brasil afirme incessantemente que os incêndios amazônicos não dizem respeito a nenhuma nação senão àquelas que possuem territórios inseridos na floresta, o que por si só permitiria a França de participar dos debates, visto que a Guiana Francesa também adentra este bioma, o jornal caracteriza o próprio Bolsonaro como causador desse interesse internacional.

Ao reconstruir a trajetória do atual comandante do país, o jornalista relembra as falas de quando, ainda presidenciável, prometia facilitar o desmanche de políticas ambientais e o asseguramento das terras indígenas, a fim de facilitar a entrada de setores econômicos interessados na Amazônia.

Após assumir o cargo de presidente, o mesmo pavimentou estradas, impulsionou o desenvolvimento de terras agrícolas, e cortou o orçamento de agências governamentais que monitoram a extração ilegal de madeira. Ele também apoiou a política de legalização da mineração ilegal de ouro, e se mobilizou para que o Estado a controlasse.

Dando a entender que o governo apoia o desenvolvimento florestal, a extração ilegal de madeira obteve um aumento acentuado de cortes e queimadas.

A construção desse trecho se aproveita de argumentos que, sozinhos, podem soar positivos, mas insere entre eles práticas que são extremamente contrárias não só ao cuidado ambiental, mas também à atual legislação nacional.

Ao demonstrar que ações progressistas só foram possíveis através do desmonte de fiscalizações ou do incentivo governamental a práticas atualmente ilegais, o jornal lança argumentos ao público, que possivelmente decidirá pelo esperado: o governo brasileiro é culpado.

Acredita-se que a maioria dos focos de incêndios tenha sido causados propositalmente, de acordo com o INPE, a área desmatada em julho foi 3,8 vezes maior que no mesmo mês do ano passado. Bolsonaro demitiu o diretor do INPE que divulgou os dados.

Novamente, é preferido pelo jornal destacar uma afirmação feita por Bolsonaro, mas colocá-la em cheque com dados contrários à fala. Ao denunciar que os incêndios são comprovadamente de origem criminosa e, a seguir, constatar que o presidente

demitiu quem divulgou tais informações, o jornal fala diretamente à criticidade do leitor.

No Brasil, as indústrias estão concentradas no sul e as florestas no norte, que são pobres. A renda média mensal dos nove estados do norte é de 1810 reais (cerca de 46.000 ienes), pouco mais de 60% da renda de São Paulo, a maior cidade. Bolsonaro não está tentando distribuir como as administrações de esquerda do passado, mas está tentando reduzir a diferença promovendo a economia.

O texto contextualiza os dados geográficos do Brasil aos leitores japoneses quando explica a divisão de renda entre o Norte e o Sul do país. Além disso, relembra as políticas dos recentes governos de centro-esquerda do país, ao enfatizar que Bolsonaro não procura distribuir renda, como faziam, mas sim espera que, ao inflar a economia, os salários da população geral cresçam no Brasil, embora os jornalistas já tenham dito que, caso a guerra diplomática causada por Bolsonaro continue, não haverá boas notícias às finanças brasileiras.

No entanto, a postura linha dura de Bolsonaro pode afetar negativamente a economia.

Os fabricantes de roupas e calçados do ocidente já anunciaram uma política de suspensão dos pedidos de materiais brasileiros. A Finlândia está considerando interromper as importações de carne bovina do Brasil e gostaria de discutir este assunto na reunião dos Ministros de Finanças da União Europeia (UE) em meados de setembro.

Agora a culpa é direcionada, com todas as letras, ao presidente Bolsonaro; não se trata mais de briga sem respaldo na realidade, a insistência em não preservar, apesar de ter causado respostas mais rápidas da França, já desponta reações de toda a Europa. O embate passa a afetar diretamente a vida dos brasileiros. O jornal volta a deixar claro: esta culpa é de Bolsonaro.

Surge um movimento de reconsiderar o Tratado de Livre Comércio (TLC) assinado em junho, entre UE e a união aduaneira de quatro países da América do Sul (Mercosul), incluindo o Brasil. A França e a Irlanda manifestaram oposição ao TLC por causa de suas respostas ao incêndio na Amazônia. A expansão do TLC é a base da estratégia do crescimento do governo Bolsonaro e já começa a ser afetado.

Como analisado no parágrafo anterior, o efeito prático já pode ser visto se espalhando, agora com a Irlanda. Entretanto, as más decisões do presidente deixam

de gerar instabilidade somente no Brasil e passam a influenciar um acordo entre dois blocos econômicos, um deles, o Mercosul, que é bastante dependente desses recursos.

O Brasil, não diferente de seus vizinhos sul-americanos, precisa crescer economicamente e, ao que tudo indica, perde sua principal ferramenta, o tratado de livre comércio com a União Europeia, justamente por, ao apostar todas suas fichas no crescimento econômico, esquecer que a economia flutua justamente de acordo com a gestão do seu entorno.

Ressalta-se, no enunciado do jornal japonês, a contradição do discurso do presidente brasileiro, que afirma ter a economia como a maior preocupação, no entanto, adota condutas que prejudicam diretamente a economia do país e afetam outros países do globo. O jornal deixa claro que o discurso do presidente Bolsonaro é apenas conflituoso e não possui intenção de acrescentar à política externa nem mesmo à economia do Brasil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tem como objetivo analisar dialogicamente os discursos contidos em reportagens de três diferentes jornais, sendo eles The New York Times, Le Monde e Nihon Keizai Shimbun, a respeito da imagem atribuída ao Brasil durante os incêndios florestais na Amazônia, em 2019, período limítrofe com a 45ª Reunião de Cúpula do G7.

Para atingirmos tal objetivo, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa e interpretativista, focada nos discursos e relações dialógicas presentes em cada um dos enunciados analisados. E, por se tratar de uma análise dialógica, iniciamos com a contextualização da época em que as reportagens foram produzidas, reconstruindo os principais pontos do cenário global, a fim de compreender suas influências nos enunciados estudados.

As análises apontaram que o The New York Times constrói uma imagem negativa de Macron, real alvo de sua matéria. Mas dizer que a reportagem, ao focar no presidente francês, não conseguiu construir uma imagem aprofundada do Brasil e de

seu governante é um erro. Cada tentativa de justificar os fatos resultantes de uma controversa administração brasileira, em relação aos incêndios, deve ser considerada como um posicionamento. Ao amenizar o desmatamento, sugerindo que haverá aumento da produção agrícola, logo, de alimentos, o desmatamento deixa de parecer tão urgente. A vantagem do governo Bolsonaro é entrar no cenário estadunidense como uma vítima da falta de recursos e da pressão exterior provocadas por líderes europeus encorajados por Macron.

Em contrapartida ao posicionamento velado do *The New York Times*, o *Le Monde* se apresenta como crítico contundente da gestão de Bolsonaro. O jornal, por ser natural da França, se posiciona como defensor do país e fixa duras críticas ao Brasil, utilizando-se de dados que comprovam o crescimento do desmatamento amazônico, a despeito da promessa de Bolsonaro de aumentar a preservação ambiental a fim de selar o acordo entre UE e Mercosul.

O veículo também taxa a administração brasileira de autoritária, ao compará-la com o período ditatorial brasileiro pré-democracia, e a assemelha a um governo tribal, enfatizando a importância do clã de Jair Bolsonaro em relação às explosivas decisões governamentais e agressividade na internet.

Por último, na reportagem do *Nihon Keizai Shimbun*, dados, contrapontos e falas de terceiros são utilizados de forma declaratória com o objetivo de rebater constantemente as justificativas usadas pelo governo brasileiro e, assim, prevenir o entendimento de que o jornal esteja se posicionando explicitamente.

Ao demonstrar que o presidente do Brasil, desde sua candidatura, tinha preferência pela economia em detrimento de qualquer outra área, são oferecidos ao leitor argumentos para que ele mesmo chegue à conclusão de que o combate aos incêndios não faz parte da agenda de Bolsonaro. E, no entanto, o jornal destaca que o ato do presidente brasileiro, de amenizar a situação, trará consequências negativas ao desenvolvimento econômico ao qual tanto preza.

São três enunciados distintos que versam sobre a mesma situação, mas dialogam com discursos diferentes e constroem, da mesma forma, imagens distintas do Brasil.

O New York Times enfatiza que nosso país tem um governo democrático e, no que parece uma busca pela objetividade jornalística, expõe argumentos a favor de nosso país. Na verdade, o foco da matéria não são os incêndios na floresta amazônica, mas a conduta e as motivações do presidente francês. O jornal francês, por sua vez, advindo de uma imprensa que historicamente busca se posicionar de modo claro, defende os interesses de seu país e seu presidente. O foco está nas críticas ao presidente Bolsonaro, que é apresentado como autoritário, mentiroso, irresponsável e extremista. O periódico japonês mostra uma crise que acontece no ocidente, destacando, de modo sutil, informações que expõem as contradições no discurso do governo brasileiro, posicionando-se contra Bolsonaro e a favor da Europa.

Portanto, é possível afirmar que, devido às proporções e o alcance dos descritos jornais, um grande número de leitores passou a enxergar o Brasil no cenário global das formas descritas como acima. Valores que poderão permanecer caso demais textos dos descritos jornais mantenham o padrão editorial ou, que podem variar caso os leitores consumam notícias de forma crítica em diversos outros veículos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Raimundo Nonato Brabo; MODESTO JUNIOR, Moisés de Souza. **Roça sem fogo**: Da tradição das queimadas à agricultura sustentável na Amazônia. Brasília: Embrapa, 2020.

APÓS CONFUSÃO na agenda, Bolsonaro se reúne com Macron no G20. **Deutsche Welle, [s.l.]**, 28 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/ap%C3%B3s-confus%C3%A3o-na-agenda-bolsonaro-se-re%C3%BAne-com-macron-no-g20/a-49387109>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

BARRAGEM DA VALE se rompe em Brumadinho, MG. **G1 Minas**. Belo Horizonte, 25 jan. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/01/25/bombeiros-e-defesa-civil-sao-mobilizados-para-chamada-de-rompimento-de-barragem-em-brumadinho-na-grande-bh.ghhtml>>. Acesso em: 04 set. 2020.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12.ed. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

BOLSONARO encontra líderes mundiais no 1º dia da cúpula do G20. **Veja**. São Paulo, 28 jul. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/ao-vivo-bolsonaro-encontra-lideres-mundiais-no-1o-dia-da-cupula-do-g20/>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

BOLSONARO se encontra com Macron no G20 e confirma intenção de permanecer no Acordo de Paris. **RFI**. 28 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.rfi.fr/br/franca/20190628-bolsonaro-se-encontra-com-macron-no-g20-e-confirma-intencao-de-permanecer-no-acordo>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

COX, Robert. **Environmental communication and the public sphere**. 2.ed. Los Angeles: Sage, 2010.

HELENO, Eduardo. O soft power brasileiro em busca de uma identidade sul-americana. **Revista Poder, Estratégia e Sociedade**. v.1, fev. 2011. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/citations?user=8cBWslQAAAJ&hl=pt-BR>>. Acesso em: 07 abr. 2020.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Editora Ática, 2011.

GUIA DO G-20: entenda o que é, quais são os países membros e seus objetivos. **Estadão**. São Paulo, 27 jul. 2019. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,guia-do-g-20-entenda-o-que-e-quais-sao-os-paises-membros-e-seus-objetivos,70002892419>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

MERCOSUL E UE fecham acordo histórico. **BBC News Brasil**. São Paulo, 28 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48808095>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

NEGRÃO, H. Após Alemanha, Noruega também bloqueia repasses para Amazônia. **El País Brasil**. 16 ago. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/15/politica/1565898219_277747.html>. Acesso em: 30 ago. 2020.

O DIA DO FOGO no WhatsApp. **Estadão**. 26 jun. 2019. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/neumanne/o-dia-do-fogo-no-whatsapp/>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

O QUE SE SABE sobre o 'Dia do Fogo', momento-chave das queimadas na Amazônia. **BBC News Brasil**. São Paulo, 27 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49453037>>. Acesso em: 03 set. 2020.

REIS, Daniel Aarão. **A revolução que mudou o mundo: Rússia, 1917**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

RUIZ, Tânia M. Barroso. Diretrizes metodológicas na análise dialógica do discurso: o olhar do pesquisador iniciante. **Revista Diálogos**. Cuiabá – MT, v. 5, n. 1, 2017.

SCHUTTE, Giorgio Romano; FONSECA, Bruno Castro Dias da; CARNEIRO, Gabriel Santos. Jogo de dois níveis voltado ao eleitorado: uma análise da política externa bolsonarista. **Revista Conjuntura Global**, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 97-116. 2019.

SILVÉRIO, Divino *et al.* Amazônia em chamas. **Nota técnica IPAM**. Rio Branco, 2019.
SOMOS O PAÍS que mais preserva, diz Bolsonaro em Davos. **Deutsche Welle**. Berlin, 22 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/somos-o-pa%C3%ADs-que-mais-preserva-diz-bolsonaro-em-davos/a-47184005>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

VOLOCHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. **Discurso na Vida e Discurso na Arte (sobre a poética sociológica)**. Tradução: Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926. New York: Academic Press, 1916.

PÉREZ-PEÑA, Richard; STEVIS-GRIDNEFF, Matina. Brazil's Rainforest Fires Prompt Alarm and Anger in Europe. **The New York Times**. Nova York, 23 ago. 2019. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2019/08/23/world/americas/amazon-fires-brazil.html?auth>>. Acesso em: 24 ago. 2019.

MEYERFELD, B; SEMO, M. Les incendies en Amazonie provoquent une crise diplomatique entre la France et le Brésil. **Le Monde**. Paris, 24 ago. 2019. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/international/article/2019/08/24/les-incendies-en-amazonie-provoquent-une-crise-diplomatique-entre-la-france-et-le-bresil_5502423_3210.html>. Acesso em: 27 ago. 2019.

TOYAMA, Naoyuki; TAKEUCHI, Yasuo. アマゾン火災 欧州・ブラジルの対立、経済にも波及. **Nihon Keizai Shimbun**. São Paulo e Bruxelas, 29 ago. 2019. Disponível em: <https://www.nikkei.com/article/DGXMZO49181960Z20C19A8FF2000/?n_cid=SPT>. Acesso em: 05 set. 2019.

RESENDE, Sara; GARCIA, Gustavo. Senado aprova indicação, e Nestor Forster é confirmado embaixador do Brasil nos EUA. **Portal G1**. Brasília, 22 set. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/09/22/senado-aprova-indicacao-e-nestor-forster-e-confirmado-embaixador-do-brasil-nos-eua.ghtml>>. Acesso em: 07 ago. 2019.

INFORMAÇÕES CORPORATIVAS. **Nikkei**. Tóquio, 05 dez. 2014. Disponível em: <<https://www.nikkei.co.jp/nikkeiinfo/corporate/history/>>. Acesso em: 10 out. 2020.

SOBRE A EMPRESA. **Nikkei**. Tóquio, 01 dez. 2014. Disponível em: <<https://www.nikkei.co.jp/nikkeiinfo/corporate/>>. Acesso em: 10 out. 2020.

SHELLER, Fernando; NAKAGAWA, Fernando. Grupo japonês Nikkei compra o jornal 'Financial Times' por R\$ 4,3 bilhões. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo e Londres, 23 jul. 2015. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/negocios,grupo-nikkei-compra-jornal-financial-times-por-us-1-3-bi,1730611>>. Acesso em: 10 out. 2020.

BORGES, Helena. Governo Bolsonaro tenta mudar Fundo Amazônia, mas Noruega e Alemanha dizem não. **O Globo**. [S.l.], 11 jun. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/governo-bolsonaro-tenta-mudar-fundo-amazonia-mas-noruega-alemanha-dizem-nao-23731725>>. Acesso em: 10 out. 2020.

LA CHARTE D'ÉTHIQUE et de déontologie du groupe Le Monde. **Le Monde**. Paris, 03 nov. 2010. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/actualite-medias/article/2010/11/03/la-charte-d-ethique-et-de-deontologie-du-groupe-le-monde_1434737_3236.html>. Acesso em: 18 out. 2020.

WHAT IS THE G20? **G20 Saudi Arabia 2020**. Riade, 01 jan. 2020. Disponível em: <<https://g20.org/en/Pages/home.aspx>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

ENTENDA COMO O COMBATE À PANDEMIA FEZ DE JACINDA ARDERN A PREMIÊ MAIS POPULAR DA NOVA ZELÂNDIA. **G1 Mundo**. Rio de Janeiro, 20 mai. 2020. Disponível em: <www.g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2020/05/20/entenda-como-o-combate-a-pandemia-fez-de-jacinda-ardern-a-premie-mais-popular-da-nova-zelandia>. Acesso em: 24 nov. 2020.